

Santo Antônio Maria Zaccaria HOMEM

1



Pe. Giuseppe M. Cagni

Nossa capa
Até onde Cristo marcar o limite
Pe. Wagner Domingos Barbosa CRSP
Belo Horizonte (MG)

Giuseppe M. Cagni

Antônio Maria Zaccaria
HOMEM

Padres e Irmãos Barnabitas

Giuseppe M. Cagni, Antônio Maria Zaccaria HOMEM.
Do original italiano Antonio Maria Zaccaria Uomo, in Quaderni di
Vita Barnabítica – Roma, 1989, págs. 53-66.
Tradução Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP

Aos Filhos e Filhas de Santo Antônio Maria Zaccaria,
Barnabitas, Angélicas,
Leigos de São Paulo e Juventude zaccariana,
que se gloriam de ter um pai tão grande.

INTRODUÇÃO

Já faz tempo que esta conferência do Pe. Cagni foi traduzida para o Português. Só que estava sob forma de apostila e certamente já se perdeu dos pertences da maioria dos confrades. Por isso, decidimos publicá-la novamente como um pequeno livro.

Este texto foi subsídio para um Retiro da Província, não me recordo exatamente em que ano. Só sei que não houve pregador. Cada um de nós procurou identificat-se com a pessoa do Fundador, respondendo a algumas perguntas que queriam saber em que nos identificávamos com Santo Antônio Maria e o que faltava para atingirmos a sua estatura como pessoa humana e como homem de Deus.

O Capítulo Geral de 2018, recém celebrado, insistiu muito na questão da identidade do Barnabita. Ter pouca noção dessa identidade ou até nem conhecê-la continua sendo um gerador de males e de atrasos para a Congregação, ainda mais agora, com o surgimento de uma nova geração, que deverá conduzir os rumos da nossa família religiosa olhando para o futuro. Nosso Capítulo Provincial de programação (outubro de 2018), em consonância com o Capítulo Geral, também dedicou uma parte de suas conclusões à questão da identidade, ao propor reflexões sobre o Fundador e sobre o Apóstolo para os próximos dois anos.

Creio que esse livrinho vá ajudar a cumprir esta meta de **reconhecemos a nossa identidade**. O texto tem a garantia do Pe. Cagni, seu autor, uma das maiores autoridades quanto à História e à Espiritualidade da nossa Congregação.

Facamos bom uso desse texto.

Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2018
Solenidade de Nossa Senhora Mãe da Divina Providência

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP

Um santo é uma obra prima da natureza e da graça de Deus

Para senti-lo na sua realidade mais profunda, é preciso conhecer três aspectos importantes de sua vida:

1. **Sua natureza:** São os seus dados psico-somáticos, com os quais ele veio ao mundo, porque os conteúdos da vida são participados a todos, seja lá quem for, mas os modos de assimilá-los são estritamente pessoais e dependem da natureza de cada um.

2. **O ambiente histórico** na época do santo, reconstruído objetivamente, nos seus apelos e em suas falhas e na reação do santo à mentalidade e ao ambiente de seu tempo: é justamente isso que constitui a série de dados adquiridos, da sua experiência, de suas realizações e faz parte da construção e da modelagem de sua santidade.

3. **A contribuição da graça de Deus**, que não substitui a natureza, mas a dignifica e a orienta. E como esta colaboração entre a natureza da pessoa e a graça de Deus é algo irrepetível, os hagiógrafos falham ao normalmente se limitarem a pegar algumas constantes do comportamento do santo, chamadas de virtude e afirmam que estas foram praticadas em grau heróico, realçando, desta forma, a quantidade, deixando de lado a qualidade. Por isso, criam um modelo comum de santidade, enquanto que nós sabemos que a humildade em São Francisco de Assis não foi a mesma de Santo Inácio e a pobreza de Francisco não foi igual à de São Bento..., pelo simples fato que a natureza de um não era a do outro. O ambiente histórico na época do santo, reconstruído objetivamente, nos seus apelos e em suas falhas e na reação do santo à mentalidade e ao ambiente de seu tempo: é justamente isso que constitui a série de dados adquiridos, da sua experiência, de suas realizações e faz parte da construção e da modelagem de sua santidade.

Até agora, os hagiógrafos de Santo Antônio Maria Zaccaria deram realce à sua perfeição sobrenatural. Para compreender a originalidade de vida do nosso santo, seria necessário insistir também nos aspectos de sua natureza humana. Por isso, o título desse artigo: O Ho-

mem Zaccaria, visto nos seus dons de nascença, nos seus dons adquiridos e, apenas em parte, nas suas realizações.

Como ponto de partida, existe um estudo científico, que é único sobre o nosso santo: a análise grafológica que foi feita de Santo Antônio Maria Zaccaria pelo fundador da grafologia italiana, Pe. Jerônimo Moretti, OFM Cap., no final da década de 40 e que foi publicada, primeiramente, na Revista “Rivivere” (nº 2, págs. 24-27) e, depois, pelo Pe. Moretti em “I santi dalla scrittura: esami grafologici” (Pádua, ed. Messaggero, 1952, págs. 59-63).

Vamos à análise:

INTELIGÊNCIA: Zaccaria tinha QI superior, era muito justo ao julgar o desempenho da inteligência dos outros e muito objetivo. Tinha grande tendência e habilidade para a exegese mais variada (histórica, bíblica, literária). É muito original e se preocupa principalmente com a substância das coisas, sem perda de tempo no que se refere aos aspectos superficiais. Tem habilidade e tendência para a organização conceitual e de execução. Tende a aspectos científicos. Poderia dar-se bem com a literatura, até mesmo lírica, com a música, com a arte de miniaturizar e com a mecânica especializada; mas a sua pessoa tem maior tendência para as coisas de ciência, que absorvem quase que totalmente a sua inteligência. Tem tendência e capacidade para a Psicologia teórica e prática.

CARÁTER: O caráter de Antônio Maria está fundamentado na firmeza de seus propósitos, com pequena tendência à fraqueza, mas esta fraqueza é muito discreta e quase não aparece, por causa de sua firmeza (não exagerada, porém) de suas decisões, da austeridade e principalmente da capacidade de refletir. Tem tendência para o orgulho e para a ambição de sobressair sozinho, mas muita força para se auto - controlar e a tendência para cortar qualquer pretensão do eu. Tem facilidade para os prazeres do sexo e inclinação para exagerá-los, mas tem também uma capacidade contrária, que o leva à austeridade nos modos de proceder. Não tem nenhuma tendência à mistificação e à mentira. Não é a pessoa

que se deixa vencer pelos impulsos de sua natureza. Suas tendências, muitas vezes, aparecem, estão presentes, mas ele nunca perde o controle de si mesmo. A tendência sensual poderia levá-lo a favorecimentos pessoais, mas esta facilidade – controlada pela inteligência sensível, pelo sentimento, pelos juízos justos, pela força de caráter e pela capacidade de organização harmoniosa – poderia levar a pessoa a um misticismo especial e singular. Por causa da força intelectual que o distingue e pela retidão do seu caráter, a pessoa chegaria a tamanha envergadura moral, que não poderia ser medida pela Psicologia comum. Santo Antônio Maria Zaccaria não tem em si nenhum exagero, nem por falta, nem por excesso, mas na evolução normal da vida, tende a viver internamente e de uma vida plena, na qual todas as tendências se harmonizam e se juntam; ele tem a tendência para uma única finalidade e de modo admirável. Tem o ímpeto de não sentir e de não admitir nenhuma observação sobre o que se faz e também um certo quê de vingança refinada, mas tem sempre uma reflexão que lhe chama a atenção e o coloca de novo no caminho certo.

ASPECTOS SOMÁTICOS: Santo Antônio Maria Zaccaria tinha 1,70m de altura, crânio com tendências mais para o redondo, projetando-se acima das sobrancelhas, ou melhor, entre elas. Olho não esbugalhado, mas mais aprofundado em sua órbita, aberto, mas não grande. Seus olhos estão acostumados a perscrutar e são capazes de fazer desviar outros olhares menos firmes. Sua constituição física o caracteriza como um homem magro. Seu rosto tem traços precisos, ovais, com tendência ao alongamento. O queixo não é curvo, a boca está nas proporções certas, mais para pequena, os lábios não são muito carnudos, mas alongados. Santo Antônio Maria Zaccaria não tem uma caixa torácica larga e, por isso, está sujeito a contrair doenças pulmonares com suas sequelas. Seu cabelo é castanho, ou cor de cobre. Sua voz tem um timbre médio. (I Santi dalla Scrittura, págs. 59-61).

A melhor coisa agora seria retomar cada afirmação e documentá-la com palavras e fatos da vida do nosso santo, mas isso seria

ir muito além dos limites de uma simples conferência. Por isso, vamos tocar apenas em alguns pontos, nem todos fundamentais, mas sem dúvida característica.

Antes de mais nada, Santo Antônio Maria Zaccaria, mesmo sendo filho único, viveu numa família numerosa. Depois da morte de Lázaro, seu pai, em 1503 e do tio, Pasquale, em 1504, ficaram na casa dos Zaccaria, a velha avó, Elizabete Pasquali, junto com as duas noras: Apolônia Roncadelli (e seus filhos Bernardo, Isabela, Ângela e Lúcia) e Antonieta Pescaroli, com seu filho Antônia Maria e a filha Venturina, que Lázaro tinha tido antes de se casar. Esta situação deu ao Fundador o sentido do que é ser aberto e deu o sentido da presença do outro e do relacionamento espontâneo e respeitoso.

Sua vida foi marcada, muito cedo, pela dor, mas não foi mortificada, pelo contrário, foi amadurecida. Com poucos meses de idade, perdeu o pai; com um ano, morreu o tio, mas aquelas três mulheres se uniram e tocaram para a frente suas propriedades em terras e o negócio de lã (“Le Drapperie”), que elas tinham na Praça da Catedral. Nenhuma das duas noras pensou em se casar de novo, embora essa fosse uma situação normal naquela época, mas se dedicaram totalmente à família e aos filhos. O fato do manto de seda que Santo Antônio Maria Zaccaria deu ao pobre na rua e a aceitação desse fato por parte de Antonieta Pescaroli mostra-nos o equilíbrio e a abertura reinantes naquela casa. A dor os amadureceu! Parece que foi Bossuet a escrever: “A vida é uma página branca até que não se escreva: Sofri!”.

Dentro desse ambiente de equilíbrio, Santo Antônio Maria Zaccaria desenvolveu em si uma característica que lhe é peculiar: **a visão objetiva da realidade** (Pe. Moretti diz: inteligência justa ao julgar a inteligência dos outros e muito objetiva). Durante toda a sua vida podemos notar, de fato: **GRANDE CONFIANÇA NO HOMEM**: mesmo que ele saiba que existe “*aquela espécie de pessoas cuja bondade vale pouco*” (31827), e que o homem “*é mentiroso e ignorante em muitíssimas coisas*” (20412). Por isso ele vai exigir duas coisas para

que sejamos seus filhos: *“Fogo e luz”* (31105), ou seja, inteligência e vontade, capacidade e espírito de iniciativa: essas qualidades são reveladoras dele mesmo. Ele sabe também esperar a hora certa: *“Paulo não foi, também no começo, o que foi mais tarde”* (10603), e mais: *“que se decida a tornar-se aquilo que você ainda não é”* (31802)

GRANDE CONFIANÇA NAS COISAS (NA REALIDADE): e, por isso, otimismo. Tudo o que foi criado é bonito e bom e foi feito por Deus para nós. Ele tinha uma implicância particular contra a gula. Nos sermões, ele diz: *“Quer evitar o pecado da gula que, talvez seja um pecado leve? Deixe de lado, algumas vezes, qualquer coisa saborosa que lhe seja permitida”* (20621), enquanto nas Constituições é muito mais severo: *“saibam que o demônio está controlando os gulosos”* (31713), pois nas Constituições ele fala a pessoas que escolheram o radicalismo evangélico no caminho da cruz.

Daí se explica a sua intransigência, embora ele escreva que é preciso saber *“dominar a gula com descrição”* (30506). Até as paixões são boas para Santo Antônio Maria Zaccaria: Deus as colocou em nós como um grande dom, porque elas nos impelem à ação. Ter poucas paixões é sinal de pouca capacidade de ação; muitas paixões trarão muita capacidade para agirmos. As grandes paixões produzem os grandes santos. Esta é uma visão de homem diametralmente oposta à visão pessimista protestante. Porém, todas as criaturas têm a tendência de se tornarem ídolos de si mesmas, por causa do desequilíbrio trazido pelo pecado original (cf. 20120 e 20131); mas é justamente aqui que se mostra a consistência da estrutura de cada um, porque tudo *“está sujeito apenas à vontade”* (20214) e só se arruína quem assim o quer: *“ninguém quer fazer o mal a si mesmo”* (20613). Santo Antônio Maria Zaccaria conhece e cita esta obra de São João Crisóstomo: *“Veja bem – acrescenta o santo – a liberdade é tão importante..., que o homem pode tornar-se demônio ou Deus, como ele desejar”*. (20515). E explica que o homem é deus na medida em que se conforma a Deus, tornando-se semelhante a Ele e O imitando nas obras, da maneira que é possível ao

homem (cf. 20501). Por isso, devemos ter plena confiança no homem, nas coisas e na harmonia que constrói.

GRANDE CONFIANÇA E GRANDE ESPAÇO DADO À VONTADE: isso é o que constitui o homem na sua essência moral: nós somos a nossa vontade. Por muitas vezes, Santo Antônio Maria Zaccaria afirma que a vontade é tudo! *“A prática da virtude exige o ato voluntário do homem”* (31303); *“a obediência deve ser voluntária e não forçada”* (30202), pois, do contrário, seria um *“obedecer como empregados e não como filhos”* (10706). Ele proíbe qualquer tipo de prisão conventual (cf. 31307), quando, naquela época, todos os conventos tinham a sua prisão, para que ali ficassem detidos os que eram considerados incorrigíveis. É melhor mandar embora da Congregação do que punir ou mesmo obrigar à observância com um preceito (cf. 30201) porque a *“observância regular não pretende sobrecarregar, mas suavizar e levar à observância da lei, não com força, mas pelo amor”* (31708). Santo Antônio Maria Zaccaria valoriza tanto a vontade, que ela se tornou critério para avaliar uma pessoa e suas ações: *“Irmãos,... não estabeleçam grande diferença entre os defeitos e se eles são grandes ou pequenos na opinião dos homens. Considerem se esses defeitos são claramente voluntários ou então, resultado de negligência proposital, porque Cristo morreu por causa de todos eles”* (31405). É suficiente para excluir da Congregação *“a negligência voluntária de quem não se preocupa em crescer”* (31403).

Agora dá para entender as frases totalitárias que o Fundador espalha pelos seus Escritos e que se resumem naquela famosa frase do capítulo 12 das Constituições: *“É, sem dúvida, grande vergonha para os servos de Deus dizer: “para mim, é suficiente honrar a Deus até aqui”. Cresça o quanto você pode, porque você é cada vez mais devedor! “Jamais algum Noviço e também nós, irmãos, pense ter feito muito, mesmo tendo as coisas que foram citadas acima em grau de ardente desejo: porque, quanto mais pagamos, tanto mais ficamos devedores de coisas maiores ainda”* (31245). *“Parar é voltar para trás”* (20623 e 31820).

Por isso, é preciso *“se esforçar para levar os bons costumes ao máximo, porque, fazendo isso, você será um bom reformador”* (31821).

E agora, penetremos no que a grafologia diz do nosso santo: *“preocupa-se principalmente com a substância das coisas, sem perda de tempo no que se refere a aspectos superficiais”*, ou seja, aquele seu olhar para o essencial, que será aperfeiçoado pela sua formação médica, que o acostumará na busca das causas do mal; uma vez afastadas as causas, cura-se a doença por inteiro. Isso explica a escolha de poucos temas teológicos, mas todos eles importantes, que formam a base de sua espiritualidade. Dizia, poucos temas: a confusão ideológica gera sempre personalidades pouco maduras e pobres. Na sua segunda carta, ele dirá que o túbio encontra desculpas para tudo, mas se a sua dúvida, antes, era do tamanho de um dedo, acaba se tornando, depois, do tamanho de um braço; pelo contrário, o homem sério vai primeiro se aconselhar, ele reza, mas em seguida, começa imediatamente a agir (cf. 10211).

Numa época de vontades religiosas anestesiadas, é fácil entender que Santo Antônio Maria Zaccaria dê tanta importância à vontade, muito mais que à graça de Deus: por isso, ele foi acusado de pelagianismo. Antônio Maria diz que não há problemas com a graça: ela nos ajuda sempre e nos acusa se não realizamos grandes coisas. Nós somos culpados, muito mais por falta de fé de nossa parte do que quando culpamos a graça de nos ter faltado (cf. 30406).

Maturidade humana é enfrentar a realidade do jeito que ela é, para amá-la e salvá-la; é dar-se à verdade, escolher na responsabilidade que é a vontade de responder sim imediatamente aos apelos do ideal; a irresponsabilidade, aliás, a tibieza, é responder sim, mas para depois. Portanto, nas pessoas túbias, as virtudes não são nem verdadeiras, nem reais, mas só uma fantasia (cf. 30901). Eu respondo sim, mas deixo sempre para amanhã. Santo Antônio Maria Zaccaria, não: *“é agora”!* Daí, que o fervor não é um *“luxo”*, mas a situação normal de um homem responsável. O fervor, como o define o Fundador, *“é ter a pronta*

vontade para fazer as coisas de Deus” (31240). Que sentimentalismo, que nada! O nosso santo tem razão quando fala que a “tibiaza” é uma peste e é a maior inimiga da Cruz de Cristo Crucificado (cf. 10502), porque é a pura verdade. De fato, se a vida religiosa é, pela própria natureza, uma vida de compromisso total e radical, é claro que a tibiaza, ou seja, a mediocridade é uma contradição. Como nos diz São Paulo, “*o último inimigo a ser destruído, será a morte*” (1Cor. 15, 26), porque da mesma forma que a morte, a tibiaza extingue a vida.

É importante notar como o Fundador tenha proposto ao mundo relaxado do século 16, o radicalismo evangélico como condição para a salvação. Nós devemos fazer o mesmo. Talvez seja a única maneira de nos livrarmos da infinita variedade de ilusões que a nossa sociedade permissiva nos impõe.

Na carta às Angélicas, encontramos uma imagem lírica que confirma a análise grafológica citada no início: que sua vida seja um fervor estável, santo, que brote sempre água viva e tenha uma nova força. É uma imagem muito bonita! Todos nós já vimos uma nascente de água, mas não sei se já vimos do jeito que Santo Antônio Maria Zaccaria nos apresenta, como imagem que fala do “dom de si”, contínuo, espontâneo, inesgotável.

Seu estilo inteiro tinha algumas coisas de literário, no melhor sentido da palavra. Muitas vezes se ouve que os Escritos do Fundador são obscuros e ultrapassados, mas para quem conhece a produção literária da época, os Escritos do Fundador são até rosas! O seu fraseado é lógico, apropriado, vivo, rico de ideias e de imagens e citações bíblicas. O seu caráter perspicaz e, se o quisermos, ligeiramente humorístico, se revela em algumas frases: “*Quem caça dois coelhos ao mesmo tempo, um foge e o outro escapa*”, ou seja, fica fora do alcance do tiro (10204); ou mesmo aquela outra frase contra aqueles que falam bem e vivem mal e que ele compara com o “*sino que chama os outros para o sermão e para as celebrações da Igreja, mas ele nunca entra*” (20401). Mas, deixando de lado estas frases que podem ser provérbios ou maneiras

populares de falar, há trechos que mostram uma verve incomum, como quando fala aos leigos sobre a correção fraterna: *“Caríssimo, se você soubesse como a correção fraterna é necessária, certamente você não faria este pecado! Você anda dizendo: eu não tenho nada a ver com os pecados dos outros! Que falta de juízo! Deus vai ser muito severo com você!”*(20319). E ainda outro trecho: *“E aquele irmão chama a sua atenção e o repreende respeitosamente, por uma e por outra razão, e você não faz nada do que ele diz! Que coisa! Pense que, não aceitando os bons conselhos que ele lhe dá, você não o reconhece, não lhe agradece e até, muitas vezes, “joga pedras nele” por causa das boas obras que ele faz (Jo. 10. 32); e, se você não faz isso com palavras, pelo menos pensa: “Esse homem só gosta de criar caso...” Deus queira que você não fale coisas piores!”* (20430).

São as religiosas de Cremona – talvez as agostinianas de Maria da Anunciação, onde estavam as tias do Fundador – as que pagaram mais que todas, quando ele diz: *“Não adianta nada dizer Templo de Javé, Templo de Javé... Não adianta nada ficar falando: somos religiosas, somos religiosas! Você não é nem mesmo uma boa cristã!* (20132). E, mais à frente: *“Você é muito delicada, a verdura lhe faz mal, o jejum lhe dá dor de cabeça, levantar cedo de manhã lhe estraga o estômago, não há coisa nenhuma que lhe sirva. Coitadinha! Você não sabe que [...] os mundanos são aqueles que querem toda a comodidade para o corpo e não aceitam sofrer o menor desconforto? A Religião é uma cruz contínua... Agarre-se à obediência e não se afaste dela”* (20134).

A análise grafológica coloca em realce a inteligência de Santo Antônio Maria Zaccaria, muito superior ao normal: inteligência analítica e sintética ao mesmo tempo, o que é privilégio de pouca gente. Não quero prolongar mais este aspecto com frases e fatos: as suas obras, que antecipam os tempos, são prova disso. Gostaria, então, de citar frases do Fundador e alguns fatos que parecem desmentir o que se disse antes.

AS FRASES: Escrevendo ao Frei Batista de Crema, aos 31 de maio de 1530, ele diz: *“Seja meu intercessor junto a Deus, para que*

Ele me livre das minhas limitações, da minha moleza e do orgulho” (10108). Seis meses mais tarde, escrevendo aos dois companheiros de fundação, para exortá-los a arrancarem de si as ervas daninhas da falta de firmeza e da indecisão, ele mesmo diz que tem em si essas ervas daninhas (cf. 10203 e 10205).

OS FATOS: Nas entrelinhas, os historiadores não perdoam o fato de as nossas origens terem sido regidas pela improvisação: não havia nenhum apostolado definido, nenhuma Constituição, nenhuma obrigação de professar os votos depois da provação canônica, nenhuma estrutura jurídica que pudesse mudar decisões anteriores. Todos nós sabemos que Santo Antônio Maria Zaccaria não desejava ter Constituições e sim contar com a acolhida de gente voluntária e unida pelo fogo do amor fraterno e orientados por um sistema comunitário capitular. Já em 1552, se ouvia na casa de São Barnabé, uma frase – que poderia ser muito bem da época do Fundador – que A Inquisição pegou logo no pior dos sentidos e pediu contas disso. A frase é essa: *“Nós, Barnabitas, temos só uma Constituição: a de não querermos Constituição”*. (Arq. Geral, M. b. 9, int. 4). É claro que o sentido dessa frase não é o que a Inquisição entendeu, disso temos certeza. O fato é que se critica sempre a provisoriade dos nossos inícios. Mas, e se isso fosse uma riqueza? E se fosse o sinal de disponibilidade e de inteligência? Só as pessoas de pouca visão é que são apressadas nas suas decisões. O senso do provisório pode ser muito positivo. É saber esperar o que vem de Deus, como Pedro no mar tempestuoso (Mt. 14, 29) e não querer tudo de repente, como o querem as pessoas imaturas e as crianças; é pensar no presente, sim, mas sabendo que existe um futuro; é dar tempo a si mesmo e aos outros, para que as coisas amadureçam bem! E, principalmente, não colocar-se no lugar de Deus, esperando vigilantes a manifestação de sua vontade. Tenho a coragem de acrescentar que isso é também um estímulo à criatividade: quando tudo já está programado, controlado, verificado, não temos oportunidades e nem nos preocupamos com a necessidade de sermos criativos.

Justamente porque o Fundador era um homem de futuro, de perspectivas, de esperanças, trouxe para a realidade, mesmo antes do Vaticano II, a espiritualidade do Êxodo, que implica em provisoriidade, nomadismo espiritual, além da vontade de caminhar sempre adiante, até a terra prometida. Para mim essa é uma das características mais bonitas da modernidade e da biblicidade de nosso santo.

Para que se entenda o que foi dito até agora, retomo o que a análise da grafologia diz do Fundador, definindo-o como um caráter fundamentado na firmeza de propósitos. Que Santo Antônio Maria Zaccaria tenha sido um homem decidido, resolvido e incisivo, é fato conhecido e toda a sua vida demonstra isso. Vou limitar-me a citar apenas dois episódios: o primeiro, de 4 de outubro de 1534, muito conhecido de todos; o segundo, de novembro de 1533, quase desconhecido.

O dia 4 de outubro de 1534 é conhecido como nosso Pentecostes e com muita justiça. O primeiro processo da Inquisição assusta os nossos e os coloca num angustiante problema de consciência: se a Igreja está nos perseguindo, não será porque nos desviamos do caminho? O Fundador chama todos ao seu quarto e lhes fala de uma forma totalmente diferente daquela que se lê na obra de Gabuzio (Storia, 52-6) e no volume dos “Escritos”, Sermão 7. “*Palavras ardentes saíam daquela boca angelical*”, diz o Pe. Soresina, que estava ali, presente (Arq. Geral, Cronochetta C, 55). Do Pe. Gabuzio só se pode salvar a primeira frase que é a citação paulina que fundamentou todas as palavras de Santo Antônio Maria Zaccaria: “*Nós somos loucos, por causa de Cristo*” (1Cor. 4, 10); tornar-se louco como Cristo, como os apóstolos! Cristo sabia muito bem que a Cruz estava preparada para Ele, mas isso não lhe impediu de dizer o que devia dizer; os apóstolos sabiam muito bem que à sua espera estavam as torturas e perseguições e até pior, mas falaram claramente que precisavam primeiro obedecer a Deus e depois aos homens (At. 5, 29).

Aqui é preciso tirar uma conclusão das palavras do próprio Fundador: “*Será que nós somos ou pensamos ser mais sábios do que os*

6 *Apóstolos? Será que somos ou pensamos ser mais privilegiados do que o Cristo?*” (20710); se é assim, aí está à porta da rua... O ambiente é o mesmo da sinagoga de Cafarnaum depois do discurso sobre o Pão da Vida (Jo. 6,68-69). Lá, Pedro salvou a situação e aí foi o “colocar-se de joelhos” de forma espontânea, por parte dos nossos, decididos a se tornarem “loucos por Cristo”.

“*A partir daquele momento, começamos a viver de maneira pobre*”, afirma de novo o Pe. Soresina (id. ibid.). Então, começou a nossa vida religiosa, porque até então era só vida comum: de fato, cada um tinha trazido de sua casa tudo o que queria, para a própria comodidade, mesmo que vivesse em comunhão material e espiritual com os outros. Quem conseguiu operar esta metamorfose? A graça de Deus, é claro, mas também a firmeza de propósitos do Fundador e a sua coragem sobrenatural: e a coragem é contagiosa como o medo e, quem sabe ainda mais.

O segundo fato, não tem o conhecimento de todos, aconteceu num momento muito triste para o Fundador: Frei Batista estava á morte em Guastalla.

Mas, vamos abrir um parêntese. Depois da conversão da Condessa Torelli, Frei Batista passou a morar no Castelo de Guastalla e se tornou o confessor da Condessa, com a licença de seus superiores. Quando o prazo dessa licença acabou, a própria Condessa conseguiu do Papa Clemente VII, através do Cardeal Penitenciário Maior de Roma, manter Frei Batista em Gastalla. Não se sabe quem espalhou em Roma a fofoca que Frei Batista queria permanecer em Guastalla, para escapar da obediência ao Vigário Geral das duas Lombardias dos Dominicanos e para espalhar longe de Milão uma doutrina nova, “com perigo de heresia e de perturbação da ordem”. É claro que logo chegou um breve do Papa para o Vigário Geral dos Dominicanos: que Frei Batista seja chamado imediatamente a Milão para ser submetido a um pequeno processo e, se for achado herege ou culpado de irregularidades que seja punido!

Frei Batista vai, então, a Milão e é submetido ao processo, sendo reconhecido como ortodoxo! O Vigário Geral informa pessoalmente ao Papa do resultado do processo. Então a Condessa pede novamente ao Papa para que o frei fique em Guastalla e Clemente VII permite, com o Breve de 10/07/1531, que nós temos em nosso Arquivo Geral. Foram encarregados de executar o Breve, o bispo sufragâneo de Milão, D. Francisco Landini, o Vigário da diocese, João M. Tonso e o Inquisidor Melquior Crivelli.

Depois de dois anos de calma, os dominicanos- sem levar em conta o Breve de 10 de julho de 1531, conseguem outro breve em que se impõe ao Frei Batista à volta ao convento imediatamente, sob pena de excomunhão. Mas ele estava morrendo! Como poderia deslocar-se?

A situação estava trágica. O Fundador assume com o coração na mão, mas com firmeza, a resolução do fato. O Breve era invalido, porque feito às escondidas e deveria citar textualmente, ou pelo menos fazer menção do Breve anterior; no entanto o ignorava completamente. Então preparam dois documentos legais: um apelo ao Papa para esclarecer a situação e uma contestação ao Vigário Geral dos Dominicanos, que era Frei Ângelo de Faenza e que morava em Mântua. Santo Antônio Maria Zaccaria, mediante um documento legal, faz-se nomear Procurador da Condessa (1533) na capela do Castelo de Guastalla; em seguida prepara dois documentos jurídicos: um protestando formalmente contra Frei Ângelo de Faenza e o outro contra os advogados de Mântua, Carlos Malatesta e Trajano Delfini, para que sigam “in loco” o desenrolar da causa. Todos os dois documentos têm a cópia autêntica do apelo a Clemente VII anexada a eles.

Diante desses preparativos, Zaccaria parte para Mântua no domingo, 9 de novembro de 1533. Já na segunda feira de manhã, ele está no convento de São Domingos. Passando pela igreja, ele vai à sacristia e pergunta pelo Vigário Geral ou pelo seu substituto, que era Frei Estevão de Foscherari, de Bolonha, prior do convento. O sacristão diz que todos os dois estão fora da cidade por motivos inerentes as suas

funções. Será que é verdade? Santo Antônio Maria Zaccaria, com muita esperteza, espera até às 13 horas: naquela hora, os frades já terminaram de almoçar e estão fazendo recreio no claustro. Ele, então, toca a campanha, entra com o escrivão e as testemunhas, “agarra” (o documento usa este termo) dois frades que estavam passeando, mas eles também confirmaram que os dois superiores estão fora da cidade.

O que fazer? Apesar da ânsia de voltar ao leito de morte de Frei Batista, Santo Antônio Maria Zaccaria teve que esperar, mesmo tendo levado aos dois advogados de Mântua, o documento que lhes dizia respeito, pelas 15 horas do mesmo dia. Três dias depois, quinta feira, 13 de novembro de 1533, o nosso santo fica sabendo que Frei Estevão voltou. Entra, de novo, no convento com o escrivão Antônio Pontevico e com as duas testemunhas, Ludovico Negri e Jerônimo Santini; pede para chamar o prior e, com respeito, mas com extrema decisão e firmeza, contesta ao prior e ao Frei Ângelo de Faenza, a hipocrisia e a injustiça de sua conduta, porque sabiam que o Frei Batista estava autorizado por um Breve Pontifício a permanecer em Guastalla. Portanto, o desafia a não prosseguir na execução daquele Breve enganador e inválido, anuncia-lhe o apelo a Clemente VII e o envolvimento dos dois advogados de Mântua na causa; em seguida, diz ao escrivão para entregar a Frei Estevão as cópias autênticas de todos estes documentos.

E aí acontece uma encenação: o Frei Estevão não quer ficar com a cópia dos documentos que o escrivão lhe entrega. Era uma armadilha jurídica: não a pegando na mão, podia dizer que não sabia de nada, do mesmo jeito que quando fazemos uma contestação verbal ou sem papel timbrado: não tem valor. Não sei se o nosso Santo conseguiu esconder um gesto de indignação, ele que era tão avesso á personalidade dupla. O certo é que disse ao escrivão: “Ele não quer pegar as cópias? Jogue-as no chão, aos seus pés e escreva tudo isso”. De fato, no documento lavrado logo em seguida, o escrivão registra. “Como ele relutasse e não quisesse aceitar a cópia, joguei-a por terra, a seus pés e ali a deixei, para que ele não pudesse pretender ignorar as premissas por mais tempo,

estando ele mesmo, Frei Estevão presente, vendo e ouvindo tudo e não dizendo nada”. (Arch. Gen. y.d.6). E com muita angústia e pressa, o Fundador voltou para Guastalla.

Peço desculpas por esta história triste e longa, mas valia a pena citá-la, porque nos fala muito sobre a firmeza do Santo Fundador (capacidade de decisão).

Agora devemos considerar a contribuição que a medicina lhe deu, na construção de sua personalidade e de sua espiritualidade.

Nos seus Escritos, a profissão médica não aparece: a Carlos Magni, ele fala de medicina, mas num sentido espiritual (10311); só de passagem e sempre em sentido espiritual, ele acena aos métodos bárbaros de cura no seu tempo, lá onde fala “*dos que sabem cuidar das feridas com ferro e óleo*” (31301). Talvez a referência mais direta esteja nas Constituições, quando – a propósito da integridade da confissão sacramental – ele lembra aos noviços que “*quem mostrar suas feridas mortais ao médico, escondendo uma só, por causa daquela chaga apenas, morrerá*” (31224). Entretanto, há um capítulo inteiro (o 6º) nas Constituições dedicado aos doentes, no qual o Fundador revela o senso de responsabilidade com que exerceu sua profissão. Para os doentes, todas as exceções! Por causa deles, qualquer despesa se justifica, todas as dispensas são admitidas e nenhum cuidado é pequeno. “*O próprio superior deve visitá-los todos os dias pessoalmente, “e use de todos os meios possíveis para aliviá-los e confortá-los, com palavras e gestos*” (30601); até acrescenta: “*nisso o superior evite a negligência!*” (30601). Esse capítulo foi considerado tão importante, que passou quase inteiro para as Constituições de 1579.

Mas, mais do que pelos Escritos, é pela vida de Santo Antônio Maria Zaccaria que vamos descobrir a grande contribuição da formação médica para a sua personalidade e espiritualidade.

O médico tem olho clínico. Santo Antônio Maria Zaccaria o tinha tão desenvolvido, que os seus contemporâneos falavam de divinização e escrutinação dos corações. As monjas de Cremona, depois de um

só de seus sermões, disseram, que se vivesse por 25 anos no mosteiro, não saberia mais do que o que disse a respeito dos defeitos delas. Ao Pe. Soresina, a quem foram confiados os dois postulantes da família Omodei, disse para ter mais carinho com quem era mais relaxado e deixasse de lado o que parecia mais santo, porque não conseguiria: de fato. Fabrício tornou-se o Pe. Paulo Maria e o outro se casou.

Em Vicência, quando viu o jovem Tito Degli Alessi, não disse nada, mas marcou com o sinal da Cruz na testa: e Tito tornou-se Barnabita. Em Guastalla, às margens do Rio Pó, um jovem aparentava muita saúde e estava cheio de vida, mas Santo Antônio Maria Zaccaria percebeu que seu fim estava próximo, convenceu-o a confessar-se: e chegou em tempo. Esses fatos tiveram, é claro, o concurso da graça divina, sem destruir a capacidade profissional.

Na doutrina espiritual de nosso Santo, impressiona a grande importância que ele dá à experiência e o método experimental que ele usa é tipicamente científico: “*Não existe nada de mais certo e que faça aumentar a segurança, do que a experiência*” (10601) “*Não digo mais nada, pois só a experiência será suficiente*” (10306); “*é a voz da experiência, eu nem preciso falar*”(10204); “*distinguir concretamente o que é verdadeiro do que é falso e o que é certo do que é duvidoso*” (10402). E mesmo a fé, mais do que fundamentar-se só em razões meramente teológicas, deve brotar da nossa experiência viva, quase que como uma apologética pessoal: “*é preciso que você confie sempre na ajuda divina e conheça, por experiência, que ele nunca lhe faltará*” (31822).

Este método experimental é aplicável também como metodologia espiritual. Nós rezamos: “e não nos deixeis cair em tentação”; Santo Antônio Maria Zaccaria ao contrario, parece fazer-nos rezar: e nos deixeis cair em tentação, porque as tentações nos mostram quem realmente somos; e ele cita aquele episódio agradável do monge, apresentado por São João Clímaco (10904). Portanto, experiência viva e nunca passiva.

O grande espaço que nosso Santo deu à experiência viva pro-

porcionou a ele uma extraordinária sensibilidade para o que é concreto e real. Já vimos como ele insiste nas virtudes reais e não fantásticas; e, para saborear a sua consistência, submetia os seus filhos a provas concretas, muito exigentes, quase cruéis; em seguida, ficava observando as reações concretas do indivíduo: isso era o indicador de seu verdadeiro estado interior. Não me refiro agora às penitências públicas que os nossos faziam nas ruas de Milão: elas eram um apostolado de choque, para sacudir as consciências anestesiadas dos cidadãos de então. Eu me refiro principalmente às penitências domésticas, das quais, além das nossas crônicas, temos uma longa narração na autobiografia de Bonsignor Cacciaguerra, publicadas pelo Pe. Premoli no apêndice do seu primeiro volume da Storia, na parte que diz respeito aos Barnabitas.

“Eram homens, de fato, terríveis, aqueles padres, no mortificar as pessoas que caíam em suas mãos”. (Premoli 477), diz Cacciaguerra. Para nós, o que interessa não são as mortificações em si mesmas, mas a sua finalidade e o método usado para aplicá-las. Cacciaguerra confessa que, depois de quatro meses de permanência com os nossos, “ninguém ligava mais para as mortificações, porque já tinham criado calo” (Premoli 478), enquanto que, no início, qualquer pequena prova parecia insuportável. E, quando ele voltou a Roma e disse aos padres que muitas vezes tinha tido vontade de fugir das mãos deles, ouviu esta resposta: “Nós o fizemos para o seu bem, para experimentar um pouco a sua paciência e para ver o que estava no seu coração: você deve saber que nós curamos com a contrariedade e temos o costume de tentar os homens, para que tenham aproveitamento e, se não conseguem aguentar, confessem a sua doença e possam curar-se, como faz o médico”. O Fundador escreve: “*A virtude sem contrariedade, tem pouca ou nenhuma consistência e, quanto maiores forem as contrariedades, mais preciosa se torna a virtude*” (31807). É fácil sentir-se e considerar-se humildes quando não temos humilhações; é fácil sentir-se e considerar-se bons e pacientes, quando não temos ocasião de perder as estribeiras; mas é justamente a prova concreta que muitas vezes nos revela o

que nós não pensávamos que fôssemos, ou desembaraçadamente nos mostra que nós não somos o que achávamos que éramos. O santo fundador, grande mestre de força espiritual, com as provações concretas, quer arrancar de nós as ilusões, que são tão doces e instintivas... Agora, compreendemos o que ele queria dizer quando falava de virtudes reais e não fantásticas.

Finalmente, a profissão do médico foi de grande ajuda para o Santo fundador na sua missão própria. Acho que médico e missionário devem ser equivalentes, ambos são chamados a resolver a situação, depois de tê-la entendido.

O médico dá o diagnóstico, procura as causas do mal, vai á raiz do mal e, para isso, envolve sua ciência e seu coração. Por isso Santo Antônio Maria Zaccaria insiste conosco para que procuremos as causas ou, melhor, as raízes dos vícios. Que nos envolvamos nesta busca! Se os vícios fossem um exército, é preciso prestar atenção na eliminação do capitão geral, porque com sua morte, todo exército estará liquidado (10313). Cortar as plantas ruins sem arranca-las pela raiz significa perder tempo inutilmente, porque reaparecem novamente (31224); importa, ao contrário, diagnosticar a causa profunda do mal, procurando-a nas concupiscências fundamentais da natureza humana. (31224 e 31408). É interessante notar o grande realismo do santo ao diagnosticar as causas. Ao Visitador, que por dever é chamado a corrigir os defeitos, falando das fofocas dos padres, ele recomenda que não os puna, mas para que pergunte a eles se tiveram algum motivo razoável para fazer tais fofocas: neste caso, o Visitador deve proceder de outro modo; mas acrescenta “a cada vez que acontece a murmuração, é porque, certamente, há *algum defeito, ou no resultado, ou na causa*” (31902).

Da mesma forma que se arrancam as raízes dos vícios, é preciso plantar as raízes das virtudes: e nisso o Fundador é um tanto quanto iluminista. Falando de novo ao Visitador, ele diz: “... *se esforce, não só em plantar e inserir os bons costumes, mas em inserir, introduzir e incrementar as raízes desses mesmos bons costumes...*” (31905); deve

introduzir na pessoa, as razões e as causas pelas quais devemos inserir em nós mesmos as virtudes... porque isso compete ao próprio superior, ao discreto e ao visitador (cf. 31905). Como se vê, isso tudo é uma contínua animação e catequese da comunidade.

Santo Antônio Maria Zaccaria tinha mente muito aberta. Na vida de comunidade, ele insistia não tanto na observância do silêncio, na pontualidade e em outras práticas, mas ensinava muito mais a “*refletir e a considerar bem as razões pelas quais estes comportamentos são pedidos, em vez de considerá-los como um fim em si mesmo*”. (31244). E recomendava também “*cuidem mais do sentido do que da letra dos Salmos*” (31214). Mente aberta que se revela também na oração, que ele desejava que fosse interrompida imediatamente quando a caridade exigisse, chamando essa atitude de “deixar Deus por causa de Deus” ou de “deixar Cristo por causa de Cristo” (Premoli, 1,477).

A análise grafológica que lemos no início tem uma frase muito bonita e autêntica. É esta: “visto que ele tem uma força intelectual que o distingue e dada à firmeza de seu caráter, a pessoa poderia elevar-se a um misticismo singular e a tanta grandeza moral, a tal ponto de não poder ser medido pela Psicologia comum”.

Está certo, o nosso santo foi um místico, um grande místico, como São Paulo. A imitação de Cristo o levou a uma síntese tão perfeita entre Teologia e vida, que é difícil separar nele o homem e o santo. Nenhuma de suas frases tem um hálito puramente humano. Esta mística é muito mais autêntica do que aquelas dos que querem vender seus produtos, porque não arrancam nenhuma página do Evangelho, mas prestam mais atenção justamente naquelas que os outros viram mais depressa. Ele tem uma atitude de oração tão entranhada na sua vida, a tal ponto de tornar-se a respiração natural, referindo-se instintivamente às grandes realidades da fé:

→ a presença total e paterna de Deus, que mantem o nosso ser e que cuida de nós como “*filho, pai e mãe e sempre esta com você*” (20205); “*tudo o que existe se conserva, porque Deus põe a sua mão em tudo,*

mas se a retirar, tudo desaparece” (20307).

→ o próximo, que nos traz a presença de Deus de maneira mais profunda, tornando-se ele mesmo meio pelo qual podemos fazer chegar a Deus as nossas homenagens de afeto e serviço (cf. 10216).

→ a Cruz, o Crucificado, a Eucaristia, vista de forma positiva e nunca negativamente, como o supremo testemunho de amor de um Deus que pede, sem dúvida, uma resposta adequada ao homem.

→ a certeza e a sensibilidade muito viva, de segurança na própria fé, tornada viva nas experiências, mesmo as menores e de todos os dias, mas que constituem, para cada um de nós, a própria estrutura apologética, aquela que desceu no mais profundo e que constitui a nossa fé mais verdadeira (cf. 31823).

Tudo isso faz parte do aspecto espiritual do nosso santo, que será explicado nas próximas conferências. Estamos chegando ao centro de nossa Semana. Do grande cenário de vida eclesial do século 16, reduzimos nossa visão ao surgimento dos Clérigos Regulares e, agora, ao nosso santo. Nós o vimos como homem. Amanhã, penetraremos no seu coração e que Deus nos conceda penetrar profundamente nesta intimidade!

Vocês dirão: mas você não falou coisa alguma sobre a obra mais importante do homem Zaccaria, aquilo pelo qual ele é lembrado até pela história profana. É verdade, mas nós, que somos de casa, já sabemos tudo. Sabemos da genialidade de Santo Antônio Maria Zaccaria ao constituir uma Ordem religiosa feita de sacerdotes, religiosas e casados; sabemos que os homens de igreja, depois de dar coragem á nova Congregação, com Bulas, e Breves, acabaram por jogar areia nela, quando os decretos tridentinos provocaram um exagerado clericalismo, fechando as Angélicas na clausura e mandando de volta para casa os casais, julgando-os imaturos para o apostolado. Sabemos que o nosso Santo - único na história - concebeu a missão do leigo da mesma forma que o Vaticano II nos apresenta, ou seja, o leigo tem uma missão específica para cumprir na Igreja, já que ele participa também do sa-

cerdócio de Cristo. Mesmo naquela época existia um tipo de santidade para o leigo, mas era um apropriar-se das riquezas do monarquismo, imitando as suas práticas e a espiritualidade; mas o leigo não tinha voz na Igreja, como o demonstram os estudos de Vauchet: ele pertencia a Igreja discente e ponto final! O nosso fundador, do mesmo jeito que o Vaticano II, não o coloca na Igreja docente, se é que ainda existe isso, mas na igreja missionária, da mesma maneira que nos primórdios do cristianismo.

Gostaria, entretanto, de chamar a atenção para uma outra função que os leigos exerciam no século 16 e, desta vez, para o beneficiar a família Paulina do Zaccaria. Pela sua própria vida, os Barnabitas e as Angélicas estavam isolados do mundo; e mesmo mergulhando no mundo para anunciar a Boa Nova, não viviam permanentemente ali, porque não podiam seguir todas aquelas novas orientações, costumes e ideias que um mundo em evolução apresenta, criando, desta forma, até sem querer, novos espaços para a evangelização. Quem era aquele Provincial dos dominicanos que obrigava os frades a lerem a cada ano, pelo menos 4 romances modernos, para não perderem o caminho da evolução das mentalidades, e dos costumes? Os casais eram chamados a viver uma experiência semelhante: conservar os outros dois colégios sempre atualizados sobre os caminhos do mundo, para que a sua mensagem apostólica não se tornasse desencarnada, mas seguisse a evolução das expectativas e dos gostos, para que o anúncio fosse pertinente e incisivo. Por que não recuperar imediatamente esta dimensão?

É verdade que o nosso Santo ofereceu à Graça de Deus uma natureza feliz. A esta natureza feliz, as ciências deontológicas (Filosofia e Teologia) acrescentaram o senso vivo dos fins; as ciências médicas. O senso vivo do real pede sempre uma avaliação crítica das situações. Nem todos sabem jogar nos fatos, um olhar verdadeiro, um olhar novo. Normalmente, se veem as coisas como a opinião comum as cataloga. Saber olhar coisas e situações na sua verdade nativa foi o grande mérito de Santo Antônio Maria Zaccaria, porque só assim ele pode dar

uma resposta que nós chamamos de moderna. Havia alguma coisa de apaixonante e de estimulante no seu apostolado: situações novas e difíceis; necessidade de inventar; alegria por ver a própria mensagem e o próprio serviço acolhidos.

Ele morreu muito jovem. Levou consigo para o túmulo, quem sabe, que outros ideais já avaliados. As suas próprias realizações não resistiram por muito tempo, sob o peso das mentalidades atrasadas. Mas nós sabemos que um homem se define mais pelos seus ideais que pelo sucesso de suas realizações. Sejamos, pois, filhos de um grande pai. Por isso, estamos aqui: para derramar um pouco do seu óleo na nossa lâmpada.

Santo Antônio Maria Zaccaria
Aspectos humanos através da grafologia
Frei Gerolamo Moretti
In Rivivere 2, págs. 24-27

A seguir, de maneira esquemática, a análise grafológica que identifica a pessoa do nosso Fundador.

I – INTELIGÊNCIA

- QI elevado (superior)
- Justo ao julgar o desempenho da inteligência dos outros e muito objetivo
- Tendência forte para a Exegese histórica, bíblica, literária
- Muito original, criativo, inédito
- Preocupa-se principalmente com a essência das coisas
- Não se prende aos detalhes
- Tem habilidade e tendência para lidar com conceitos
- Tendência para as ciências que o absorvem
- Poderia dedicar-se à literatura, ao lirismo, à música e até mesmo à miniaturização (mecânica de miniaturas de precisão)
- Tendência para a Psicologia teórica e prática

II – CARÁTER

- Fundamentado na firmeza de atitudes, mas com pequena tendência ao relaxamento
- Esse relaxamento é superado e quase anulado pela sua capacidade não exagerada de decisão, pela austeridade e pela reflexão
- Tendência ao orgulho e ao desejo de ser diferente dos outros, mas muita força de vontade para o auto-controle e tendência para cortar as pretensões do “eu”
- Facilidade para ceder ao sexo e para fazer dele atividade prolongada, mas por outro lado, tendência para a austeridade dos costumes

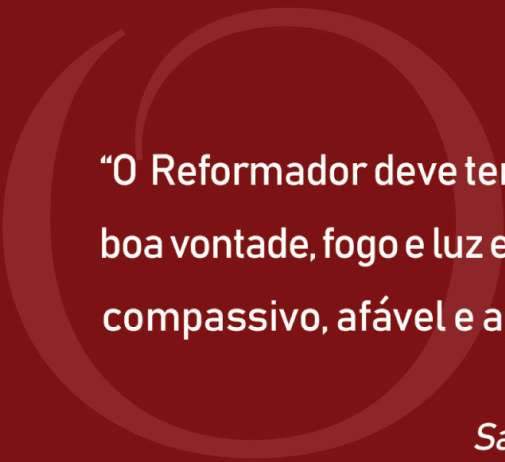
- Tendência para a raiva e a irritação, mas controlada pela reflexão
- Inimigo do fingimento e da mentira
- Fechado diante dos outros (não se abre com facilidade) e para si mesmo, mas admite os defeitos com facilidade
- Em relação à afetividade, se se tivesse casado, teria conservado sua personalidade bem separada da de sua esposa e nunca teria admitido que ela desse palpites sobre sua profissão, mesmo confidenciando a ela tudo o que contribui para solidificar a afetividade recíproca
- Não é o tipo para deixar-se dominar pelos impulsos de sua natureza. Esses impulsos estão sempre presentes, mas ele nunca perde o controle de si mesmo
- O gozar dos prazeres do sexo poderia ter-lhe feito injusto com os outros, ao preferir um aos demais, mas essa atitude se apaga pelos seus sentimentos, pela justiça com que julga, pela sua ponderação, pela austeridade, pela força do caráter, pela arte e pela capacidade de se organizar de maneira harmoniosa. Isso poderia levar a pessoa a um misticismo especial elevando-a e a colocando em quietude, porque, dessa maneira, a sua ambição de ser diferente ficaria satisfeita – mesmo inconscientemente – ou seja, não teria mais motivos para atormentar a pessoa com sua argumentação refinada
- Como tem muita força intelectual, que o distingue e como seu caráter é tão reto, ele poderia elevar-se a tal estatura moral, que a Psicologia comum não o poderia conter
- Santo Antônio Maria Zaccaria não é exagerado, nem para mais, nem para menos, mas na evolução natural da vida, tende a fazer dela uma vida plena, na qual todas as suas tendências, que estão em contraste, eliminam os contrastes e se harmonizam em uma só direção de maneira admirável
- Ele tem o impulso de não aceitar observações e críticas em relação ao que faz e tem uma tendência à vingança refinada. Mas a reflexão está sempre pronta para chamar-lhe a atenção e coloca-lo no rumo certo.

III – ASPECTOS FÍSICO-CORPORAIS

- Altura: em torno de 1,70m
- Crânio mais para redondo, com protuberâncias frontais entre as sobrancelhas
- Olhos mais profundos, abertos, não grandes. Seus olhos tendem a penetrar profundamente e são capazes de calar e desmontar outros olhos acostumados à superficialidade
- Corpo magro
- Rosto bem traçado, de oval para comprido
- Queixo mais afilado
- Boca pequena e estreita
- Lábios finos e compridos
- Caixa torácica pequena, com tendência para doenças pulmonares (disso ele morreu)
- Cabelos castanhos

Para refletir

1. Conhecemos várias imagens de Santo Antônio Maria Zaccaria.
Com qual delas você mais se identifica e por que?
2. Que qualidades pessoais me aproximam mais do Fundador?
3. O que me falta para alcançar a estatura de Santo Antônio Maria Zaccaria?
4. O que fazer para crescer sempre, buscando coisas cada vez mais perfeitas?



“O Reformador deve ter boas qualidades,
boa vontade, fogo e luz e deve ser humilde,
compassivo, afável e agradável a todos.”

Santo Antônio Maria Zaccaria
Constituições 11 e 18